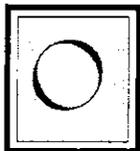


Lembrando Norbert Elias

TEREZA CRISTINA KIRSCHNER*



O centenário do nascimento de Norbert Elias é uma oportunidade para refletir sobre alguns aspectos de sua vasta produção intelectual.¹ Apesar de instigante e inovadora, sua obra permaneceu praticamente desconhecida no meio acadêmico até a década de 1970.² Comparado com outros sociólogos alemães contemporâneos que também vivenciaram o exílio provocado pelo nazismo – Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Karl Manheim –, Elias não obteve uma alta cotação na bolsa de valores acadêmicos como eles. Em uma entrevista de 1984 Elias referiu-se à sua situação profissional até os anos setenta: “Eu era um marginal e essa situação só mudou quando deixei a Inglaterra.”³

Exilado na Inglaterra desde 1935, apenas em 1954 conseguiu um posto de *lecturer* no departamento de Sociologia da Universidade de Leicester, onde dois anos mais tarde obteve o cargo de professor, aos cinquenta e nove anos. Até então pesquisava em Londres, graças ao auxílio financeiro de uma fundação judaica. Foi somente no final da década de 1960 que Elias começou a receber convites para lecionar em universidades européias como professor visitante. Mas foi na Holanda, onde se instalou a partir de 1984, que criou um círculo de discípulos dispostos a dar continuidade à sua linha de trabalho. Referindo-se a seus alunos comentava: “...fico triste de ver que nenhum dos meus alunos de Leicester seguiu os caminhos que eu havia esboçado. A maioria considerava meu pensamento, centrado nos processos de longa duração, como algo marginal; e eles não estavam completamente enganados, pois suas carreiras teriam sido prejudicadas se tivessem seguido o meu caminho. Pensar em termos de processos de longa

* Professora do Departamento de História da Universidade de Brasília. Este texto foi escrito em 1997 com o objetivo de lembrar o centenário do nascimento do sociólogo.

duração não estava na moda em sociologia.”⁴ A marginalidade acadêmica, entretanto, não o fazia duvidar da originalidade da sua contribuição: “...eu me considero um inovador em sociologia, e as inovações, no fundo, não eram aceitas naquela época. Cada vez que exprimia uma idéia não habitual nas reuniões do departamento, provocava uma discussão com as gerações mais jovens... Assim que terminava minha exposição as hostilidades começavam...”⁵ Uma dessas ocasiões foi quando Elias criticou a concepção de conhecimento científico de Karl Popper, o que pareceu uma atitude não só inusitada como espantosa vinda de alguém tão pouco conhecido academicamente como ele. Elias sabia que para ser aceito pelo *establishment* eram necessárias muitas concessões, o que não estava disposto a fazer. “Verdadeiramente, eu sinto hoje um certo orgulho de nunca ter cedido, mesmo que isso tenha sido difícil. Sempre tive consciência de que as opiniões dominantes eram uma impostura. Teria sido possível ter uma existência mais fácil na Inglaterra se tivesse aceito as idéias dominantes, mas não me permiti compromissos...Se há algo em mim que considero positivo é o fato de nunca ter me deixado corromper pelos modismos, quaisquer que fossem. Nunca me autorizei a dizer qualquer coisa sob o pretexto de que estava na moda.”⁶

Recusando os modismos intelectuais e o sucesso acadêmico fácil, Elias fez um percurso próprio. Sua posição periférica no meio acadêmico o deixava, até certo ponto, livre das pressões do mundo institucionalizado das ciências sociais, o que lhe permitia trabalhar à sua maneira tanto temas e objetos de pesquisa quanto caminhos metodológicos. Elias não seguia o hábito, comum aos acadêmicos, de iniciar seus textos com uma revisão da literatura ou com uma apresentação dos debates contemporâneos sobre o tema que pesquisava. Normalmente ia diretamente ao objeto da sua pesquisa. Deixava para seus leitores a tarefa de pesquisar aproximações e afastamentos com relação a outras abordagens sobre o assunto. A parcimônia de referências bibliográficas contemporâneas em suas obras dava margem a comentários de que era um autor desatualizado, ao que Elias retrucava tranquilamente afirmando que as pessoas que o criticavam tinham o fetiche pelo novo: um livro antigo podia ser ainda a melhor referência para o tratamento de um determinado tema, da mesma maneira que livros novos não

necessariamente representavam avanços apenas porque eram novos. Roger Chartier, por exemplo, no prefácio à edição de bolso francesa de *A sociedade de corte*, observou que, ao publicar em 1969 um livro escrito em 1933, Elias não atualizou as referências bibliográficas, com exceção de uma obra inglesa sobre Luis XIV, de 1967.⁷

Em sua trajetória intelectual, Elias acumulou uma bagagem muito ampla. A formação acadêmica cobriu as áreas de medicina, filosofia, psicologia e sociologia. Sua vida não foi menos rica de experiências: durante a primeira guerra mundial esteve no *front* encarregado de instalações de linhas telefônicas. Depois da guerra trabalhou em uma fábrica de fundição de ferro, foi psicanalisado em Londres ao longo de vários anos e, em parceria com o psicanalista Fuchs, seu conhecido desde a época de Frankfurt, e outros psiquiatras, contribuiu para dar forma ao que se denominou posteriormente psicanálise de grupo. Fuchs reconheceu que o sociólogo alemão exerceu uma influência considerável na teoria da psicanálise de grupo, o que pode ser observado nos agradecimentos que lhe dirigiu na primeira edição do seu livro.⁸ Elias foi um dos membros fundadores do *Group Analytic Society* e, tendo recebido a formação apropriada, chegou a dirigir, ele próprio, alguns grupos. Sua principal contribuição para esse trabalho foi a idéia de que não se pode separar o indivíduo da sociedade de que faz parte. Ambos constituem níveis de análise distintos, porém inseparáveis. No início da década de 1960 Elias partiu para Gana, onde por dois anos lecionou sociologia. “Muitos dos meus amigos pensaram que eu estava louco – sobretudo porque eu estava com mais de sessenta anos. Mas tenho uma curiosidade imensa por tudo que é desconhecido.”⁹

Em várias passagens de sua obra deixou transparecer como experiências intelectuais estavam intimamente relacionadas com as existenciais. Como bem observaram Alain Garrigou e Bernard Lacroix, “o interesse existencial alimentava e reforçava o interesse intelectual.”¹⁰ A formação acadêmica diferenciada e a rica experiência de vida deram-lhe a possibilidade de desenvolver uma visão de mundo ampla e distanciada com a qual procurava satisfazer sua insaciável curiosidade. Descrevia o trabalho do cientista social como uma “viagem de descoberta” ao reino, em grande parte desconhecido, da sociedade. Elias era considerado excelente profes-

sor, e foi reconhecido não só pela sua erudição mas também pela rica visão de mundo moldada não apenas nas bibliotecas mas na sua própria experiência de vida. Sobre a estadia em Gana, por exemplo, Elias comentou: "Eu seria tentado a dizer que foi, para um homem como eu, uma experiência indispensável. Por exemplo, sempre pensei ser necessária uma revisão da teoria que Freud nos legou. Pensava que a formação do super-ego, da mesma maneira que a emergência do ego, deveriam ser diferentes da nossa em sociedades mais simples, e a experiência de Gana decididamente me deixou muito à vontade com essa idéia."¹¹

A produção eliasiana é vasta e complexa; parte foi escrita em alemão, parte em inglês. A publicação de alguns textos ocorreu muito tempo após sua produção e, freqüentemente, à margem da carreira universitária. Trabalhos antigos, provisoriamente abandonados, foram retrabalhados e associados a outros mais recentes, como no caso da sua última obra publicada em vida, *Os alemães*.¹² Determinados temas foram objeto de sua reflexão por quase cinquenta anos, como a dicotomia indivíduo/sociedade.¹³ alguns trabalhos só foram publicados postumamente e outros ainda permanecem inéditos. Essas especificidades dão um caráter particular a sua obra. Além disso, Elias pesquisou muitas questões diferentes, que abrangeram temas tão variados como os costumes e os comportamentos na idade moderna, a gênese do Estado ocidental, as diferentes concepções sobre o tempo, o conceito de vida cotidiana, a questão do símbolo, o viver e o morrer, o esporte enquanto tema sociológico, etc. Apesar desta variedade de temas, todas as suas pesquisas, sejam elas de caráter histórico ou sociológico, seguem um mesmo eixo de preocupações e, de fato, estão intimamente relacionadas.

Sua visão do ser humano é global, e se contrapõe àquelas que se restringem a aspectos particulares de sua existência. Na perspectiva eliasiana, não faz sentido pesquisar os seres humanos do ponto de vista exclusivo, por exemplo, das suas atividades econômicas ou políticas, ou então percebê-los apenas como produtores de idéias ou depósitos de sentimentos e emoções. Ele priorizou a síntese e não a análise, e em toda sua obra observa-se o cuidado de evitar a compartimentação das pessoas e das sociedades em categorias rígidas. Elias foi, sem dúvida, um pensador

que olhou com um ar bastante crítico as excessivas especializações nas ciências humanas. "...pode-se facilmente derrubar as cercas artificiais que hoje erigimos no pensamento, dividindo os seres humanos em várias áreas de controle: os campos, por exemplo, dos psicólogos, dos historiadores e dos sociólogos. As estruturas da psique, da sociedade e da história humanas são indissociavelmente complementares e só podem ser estudadas em conjunto. Elas não existem e se movem na realidade com o grau de isolamento presumido pelas pesquisas atuais. Formam, ao lado de outras estruturas, o objeto de uma única ciência humana."¹⁴

A visão de mundo eliasiana exige que se supere a tendência de reduzir o estudo das sociedades e do ser humano a esquemas dicotômicos como indivíduo/sociedade, materialismo/idealismo, voluntarismo/determinismo, objetividade/subjectividade, análise/síntese etc., freqüente nas ciências humanas e que produz escolas de pensamento que defendem um dos polos das dicotomias. Na verdade, cada corrente de pensamento ou escola se compromete apenas com uma das múltiplas dimensões da realidade humana e social, e a intenção de Elias era resolver os dualismos que fundamentam essas escolas por meio de uma reflexão teórica estreitamente articulada à pesquisa empírica.

A preocupação com um método e uma terminologia adequados para as ciências humanas está presente em toda a sua obra. Segundo ele, considerar científico unicamente o método que se revelou apropriado para as chamadas ciências exatas significa desconsiderar as especificidades dos fenômenos humanos. De acordo com seu pensamento, seres humanos e sociedades constituem parte da natureza. Entretanto, a natureza não é algo homogêneo, mas um todo diferenciado que pode ser apreendido em diferentes níveis. Estes níveis são interrelacionados mas possuem uma relativa autonomia, na medida em que variam em termos de graus de estruturação de seus elementos e em graus de transformação e evolução. Basicamente existem três níveis na natureza: o nível inorgânico, o nível orgânico e o nível humano-social. Todos são passíveis de conhecimento científico, porém os métodos adequados a um desses níveis não são necessariamente apropriados aos demais. O nível humano-social está relacionado com os níveis orgânico e inorgânico (gravidez, nascimento, crescimento, morte,

etc); ao mesmo tempo, entretanto, ele é relativamente autônomo e possui características específicas como linguagem, códigos morais, sistemas de parentesco etc. De acordo com Elias, esse conjunto de propriedades que emerge da integração do nível humano-social possui regularidades próprias que não podem ser explicadas de forma reducionista, isto é, em termos de métodos e conceitos empregados nas pesquisas dos fenômenos dos níveis orgânico e inorgânico.

Com o objetivo de contribuir para o aperfeiçoamento de um método adequado para o conhecimento do nível humano-social, Elias desenvolveu uma reflexão interessante sobre os obstáculos que a transposição mecânica de um instrumental teórico inadequado acarreta para a pesquisa histórico-social e defendeu a necessidade de se elaborar novos conceitos e uma terminologia que se ajustassem à dinâmica e às características das relações dos seres humanos e das suas sociedades.

Um dos vários obstáculos para a pesquisa histórico-social apontados por Elias deriva de algumas características de linguagem. Habitualmente, por exemplo, procura-se exprimir movimento constante ou mudanças contínuas partindo-se do pressuposto da existência de um objeto isolado em estado de repouso e, então, acrescenta-se um verbo para expressar o fato de que este objeto isolado se movimenta ou se transforma. Dizemos, 'o vento sopra', como se o vento estivesse separado do soprar, como se o vento pudesse existir se não soprasse. No estudo dos fenômenos sociais esses obstáculos são comuns, como, por exemplo, o uso em separado de termos como estrutura e processo. Diz-se: a estrutura da família se modificou entre 1950 e 1970; como se estrutura fosse algo separado dos indivíduos que a compõem e pudesse, em algum momento, ser estática. Quando se tenta compreender as redes humanas, a linguagem nos obriga a pensar e a falar como se todos os objetos fossem estáticos e não inseridos em relações. As formas dicotômicas e reificadas de conceitualização sugerem que podem existir estruturas sociais sem ação, sem transformações, sem processos, o que não confere com a observação. Elias denominou "redução de processos a estados de repouso" essa tendência de perceber os objetos sociais separados e isolados das relações em que se encontram

envolvidos.¹⁵

Nessa sua tentativa de desenvolver uma terminologia adequada para o conhecimento das relações humanas, Elias enfrentou dificuldades e gerou mal entendidos no nível conceitual, pois muitas vezes re-significava termos já saturados de antigas significações. A necessidade de criar novos conceitos se mostrou inevitável. Dentre os conceitos que Elias criou destacam-se os de configuração, dinâmica imanente das configurações, configuração duplamente limitada, *homo clausus* e *habitus*. O primeiro, talvez o mais importante na construção teórica eliasiana, refere-se à teia de relações de indivíduos interdependentes que se encontram ligados entre si em vários níveis e de diferentes maneiras. As ações de uma pluralidade de pessoas interdependentes interferem de maneira a formar uma estrutura entrelaçada de numerosas propriedades emergentes tais como relações de força, eixos de tensão, etc. As configurações possuem uma dinâmica imanente que compreende lutas e pressões em seus diferentes níveis e formam um processo que é ao mesmo tempo canalizado pela estrutura das configurações e transformado por elas. A longo prazo, apresentam um caráter cego e não planejado, principalmente porque são o resultado de inúmeras ações não intencionais de grupos e indivíduos. Esse processo, entretanto, apesar de não ser planejado, possui uma estrutura determinada. Nas sociedades européias, por exemplo, a dinâmica da configuração social a partir da idade média adquiriu a forma de um processo civilizador.¹⁶

Ao empregar o termo *homo clausus*, Elias tinha em mente a idéia de homem construída pela filosofia: um homem isolado da realidade social. Essa idéia de homem foi criticada pelo sociólogo alemão em praticamente todas as suas obras, pois, segundo ele, como um homem poderia tornar-se um homem sem viver com outros seres humanos e sem passar por um processo de aprendizado? “Há muito tempo eu havia compreendido que mesmo quando se analisa problemas humanos, deve-se partir dos homens e não do homem em sua individualidade. Isto significa que deve-se partir da pluralidade humana...”¹⁷ Em oposição à concepção do *homo clausus*, Elias propunha a idéia dos *homines aperti*, salientando o caráter aberto, orientado para os demais, dos indivíduos que fazem parte das configurações. “Nós

não somos independentes, ninguém o é, e é por isso que não emprego esse termo. Nós dependemos todos uns dos outros.”¹⁸ Configuração e *homo clausus* são conceitos que não se referem a objetos que existem de modo independente, mas denotam níveis diferentes, ainda que inseparáveis, do mundo humano.

Como observou Richard Kilminster, Elias convence os leitores não tanto por meio de argumentos lógicos convencionais mas por meio da provocação, instigando-os a refletir sobre categorias que estão acostumados a empregar rotineiramente.¹⁹ A perplexidade frente a idéias normalmente aceitas sem questionamentos pelas ciências humanas é, sem dúvida, um traço que fascina em Elias. Com relação à sociedade em que vivia, por exemplo, perguntava-se: “Que tipo de formação é essa, uma ‘sociedade’ que compomos em conjunto, que não foi pretendida ou planejada por nenhum de nós, nem, tampouco, por todos nós juntos?”²⁰

Elias repensou, de maneira original, muitos conceitos habituais das ciências humanas. Apesar de ter advertido que para o entendimento da sua abordagem teórica e metodológica seria necessária uma reeducação do aparelho cognitivo, no sentido de se abandonar maneiras tradicionais de pensar, Elias, em 1984, aos 87 anos, desabafava: “Até hoje tenho o sentimento de não ter sido totalmente compreendido... Alegro-me, naturalmente de ter obtido o prêmio Adorno e de ser doutor *honoris causa* da Universidade de Bielefeld; são sinais positivos que mostram que, apesar de tudo, tenho conseguido me fazer entender. Entretanto, tenho ainda uma espécie de fantasma que alimento há muito tempo: eu falo no telefone e a voz do outro lado do fio me diz: - ‘Poderia falar um pouco mais alto? Eu não o escuto bem.’ Eu começo então a gritar, e a voz repete constantemente: - ‘Poderia falar mais alto? Eu não o escuto...’”²¹

TRADIÇÃO E INOVAÇÃO NO PENSAMENTO DE NORBERT ELIAS

Em sua trajetória intelectual, Elias se defrontou com três vertentes de uma tradição de pensamento sobre o homem e a sociedade: a tradição filosófica ocidental, a psicologia, inclusive a psicanálise freudiana, e a sociologia. Frente a cada uma dessas vertentes Elias assumiu uma posição

crítica e o resultado de suas reflexões foi uma síntese extremamente rica e original. O sociólogo demonstrava claramente ter consciência da originalidade de seu pensamento: “Recentemente – e isso me irritou muito – li em um estudo inglês que eu era o último representante da sociologia clássica, alguém que aspira a grande síntese, e assim por diante. Isso me irritou, porque preferiria ser reconhecido como o primeiro a abrir uma nova via (na sociologia).”²²

Na área das humanidades, Elias iniciou sua formação em filosofia e, muito cedo, adquiriu a convicção de que a noção de indivíduo, tal como construída pela tradição filosófica ocidental, era questionável. A filosofia moderna teria elaborado uma noção de indivíduo completamente isolada da realidade social e Elias pretendia retirar o indivíduo desse isolamento e integrá-lo em uma rede de interdependências. Na tese de doutorado apresentada em 1922, já estava presente essa idéia: “Na minha tese, inteiramente redigida em estilo filosófico, (...) eu já tinha expressado claramente minha convicção de que a noção tradicional do homem tomado isoladamente, a noção de indivíduo, devia ser repensada. Fazer o indivíduo sair de seu isolamento no pensamento e integrá-lo em um modelo conceitual que o inscreve em uma cadeia de gerações, em uma sucessão, consistiu sempre, me parece, uma das missões da sociologia.”²³ Segundo Elias, “o indivíduo não é independente das relações nas quais se encontra inserido, independente do constante entrelaçamento de fios mediante o qual ele se transforma no que é... Não existe um grau zero do vínculo social do indivíduo, um começo ou uma ruptura nítida no sentido de que ele ingressa na sociedade como que vindo de fora, como um ser não afetado pela rede social e, então, começa a se vincular a outros seres humanos. Ao contrário, o indivíduo sempre existe, no nível mais fundamental, na relação com os outros, e essa relação tem uma estrutura particular que é específica de sua sociedade. Ele adquire sua marca individual a partir da história dessas relações, dessas dependências, e, num contexto mais amplo, da história de toda a rede humana em que cresce e vive. Essa história e essa rede humanas estão presentes nele e são representadas por ele, quer ele esteja de fato em relação com outras pessoas ou sozinho, quer trabalhe ativamente em uma grande cidade ou seja um naufrago em uma ilha a mil milhas de

sua sociedade.”²⁴

A partir de suas experiências, Elias foi delineando uma visão do homem diferente daquela elaborada pela filosofia: “...duvido muito que eu pudesse ter definido com clareza uma concepção diferente da do *homo clausus* e tê-la desenvolvido em seguida se não dispusesse dos conhecimentos que havia adquirido ao longo dos meus estudos de medicina. Sem que tivesse completamente consciência, os semestres que precederam o internato e, sobretudo o estudo de anatomia, me influenciaram profundamente. Naquela época, como hoje, eram sobretudo a estrutura e as funções do sistema nervoso que me interessavam. Durante as aulas de dissecação, aprendi a compreender certas coisas que diziam respeito à estrutura e aos modos de funcionamento do cérebro humano. Ainda muito incipiente na minha maneira de pensar, sem querer, eu comparava este conhecimento da natureza humana que adquiri nas salas de dissecação e ao longo dos meus estudos de medicina em geral com a concepção neo-kantiana do homem que tinha Höningwald, meu venerado professor de filosofia... Em filosofia, tinha-se como evidente o postulado da existência de um mundo exterior ao qual correspondia o ‘mundo interior’ do homem, isto é, a esfera das idéias, dos dados transcendentais, do *a priori*. No interior do crânio humano, ao longo das aulas de dissecação, o que eu encontrava era essa estrutura extraordinariamente complexa do cérebro cujo modo de funcionamento era em grande parte um mistério, mas cuja estrutura fundamental correspondia ao caráter complementar das percepções sensoriais e do movimento, à comunicação permanente entre mundo interior e mundo exterior, à relação que existe entre a orientação e a conduta de si no mundo mais amplo... A divergência entre essas duas concepções do homem, filosófica e idealista, de um lado, anatômica e fisiológica de outro, me preocupou ao longo de muitos anos. Obstinava-me com esse problema e somente quando meus interesses se voltaram para a sociologia é que encontrei uma resposta clara. Este abandono da concepção dominante do homem – do homem hermeticamente fechado ao mundo exterior, do *homo clausus* – e a passagem para a concepção oposta, a concepção do indivíduo fundamentalmente em relação com um mundo, com aquilo que não é ele mesmo ou ela mesma, com outros

objetos e, em particular com outros homens, foram para mim o resultado de um longo processo intimamente relacionado ao meu abandono da filosofia.”²⁵ As experiências da inflação e, principalmente, a participação na guerra, também contribuíram para que Elias, pouco a pouco, se conscientizasse da impotência relativa do sujeito e, como dizia, “do caráter estranhamente esotérico das hipóteses filosóficas fundamentais...”²⁶ Considerar o indivíduo isolado como ponto de partida da reflexão faz parte de uma poderosa tradição filosófica que se estende, segundo Elias, desde a epistemologia clássica até as filosofias metafísicas de períodos mais recentes, sejam elas de inclinação transcendental, existencial ou fenomenológica.

Essa crítica à visão filosófica do homem como *homo clausus* está presente em toda a obra de Elias e é o fio condutor de toda sua produção intelectual. Em cada obra o tema é retomado e desenvolvido sob ângulos diferentes. Essas idéias encontram-se em *A sociedade de corte*, seu primeiro livro, e no seu último texto, que permaneceu inacabado e que deveria ser a introdução à *Teoria do símbolo*. Nele, Elias ainda retoma essa questão, associando-a à linguagem.

Com relação à psicologia contemporânea, Norbert Elias também assumiu uma postura crítica: “...eu sabia que os psicólogos contemporâneos pensavam que só se podia obter uma visão convincente das mentalidades humanas pesquisando o homem de hoje, enquanto que nada se poderia descobrir sobre as normas de comportamento dos homens do passado. [Na biblioteca do British Museum] encontrei um material que mostrava a diversidade de normas em vigor em épocas antigas e que permitia analisar, de uma maneira segura, sua evolução. Comecei então meu livro *O processo civilizador*, tendo plena consciência de que constituía um ataque implícito contra a onda de estudos sobre mentalidades e comportamentos desenvolvidos pelos psicólogos da época. Esses psicólogos acadêmicos – não os freudianos – acreditavam firmemente que era necessário ter uma pessoa na sua frente, aqui e agora, para avaliar sua mentalidade graças a formulários ou outros métodos quantitativos, para poder concluir algo incontestável. Utilizando esse método é, seguramente, impossível perceber os homens atuais como resultado de um *devenir*. Eles agiam como se fossem capazes, graças aos resultados dos testes efetuados, de tirar conclusões imediatas sobre os

homens em geral. Para mim era claro que isso era falso; era simplesmente uma tentativa de aplicar aos homens procedimentos físicos ou biológicos. Excluía-se assim todo o processo da evolução humana.”²⁷

Apesar de mencionar Freud apenas uma vez em *O processo civilizador*, Elias manteve um intenso diálogo com o psicanalista. Dele, aceitou a idéia da existência de um inconsciente, porém esse inconsciente, segundo Elias, não é algo natural, mas uma criação da cultura; é histórico. Suas idéias a esse respeito estão desenvolvidas principalmente em *O processo civilizador*: “... a peculiaridade do homem, descoberta por Freud em nossa própria época e conceitualizada por ele como uma rigorosa divisão entre funções mentais inconscientes e conscientes, muito longe de ser parte de uma natureza humana imutável, é resultado de um longo processo civilizador, durante o qual se tornou mais duro e impenetrável o muro que separa as pulsões da libido da ‘consciência’ ou ‘reflexão’.”²⁸ O inconsciente pessoal, portanto, “é criado ao longo do processo civilizador que modera nos homens suas emoções espontâneas, amplia o espaço mental além do momento presente, levando em consideração o passado e o futuro e cria o hábito de relacionar eventos em cadeias de causa e efeito.”²⁹

Relacionada com essa questão está a crença na existência de um eu interior em oposição a um eu exterior. “Existe hoje uma padronização muito difundida da auto-imagem que induz o indivíduo a se sentir e pensar assim: ‘Estou aqui, inteiramente só; todos os outros estão lá, fora de mim; e cada um deles segue seu caminho, tal como eu, com um eu interior que é o seu eu verdadeiro, seu ‘puro eu’, e uma roupagem externa, suas relações com as outras pessoas.’ Essa atitude perante si mesmo e os outros afigura-se inteiramente natural e óbvia àqueles que a adotam. Mas não se trata de uma coisa nem de outra. Ela é a expressão de uma singular conformação histórica do indivíduo pela rede de relações, por uma forma de convívio dotada de uma estrutura muito específica. O que se veicula através dela é a autoconsciência de pessoas que foram obrigadas a adotar um grau elevadíssimo de refreamento, controle afetivo, renúncia e transformação dos instintos, e que estão acostumadas a relegar grande número de funções, expressões instintivas e desejos a enclaves privativos de sigilo, afastados

do olhar do 'mundo externo', ou até aos porões de seu psiquismo, ao semi-consciente ou ao inconsciente. Em uma palavra, esse tipo de autoconsciência corresponde à estrutura psicológica estabelecida em certos estágios de um processo civilizador. Ela se caracteriza por uma diferenciação e uma tensão especialmente intensas entre as ordens e proibições sociais inculcadas como autodomínio e os instintos e inclinações não controlados ou recalcados dentro do próprio ser humano. É esse conflito no interior do indivíduo, essa 'privatização' ou exclusão de certas esferas de vida da interação social, e sua associação com o medo socialmente instilado sob a forma de vergonha e embaraço, por exemplo, que levam o indivíduo a achar que, 'dentro' de si, ele é algo que existe inteiramente só, sem relacionamento com os outros, e que só 'depois' se relaciona com os outros 'do lado de fora.'"³⁰

A proposta de Elias era criar uma disciplina – a psicologia histórica – que desse conta de compreender as transformações da estrutura da personalidade relacionadas com as transformações de toda a estrutura social. *O processo civilizador* foi uma tentativa nessa direção.

Em Heidelberg, em 1924, já com seu doutorado em filosofia e psicologia, Elias interessou-se pela nascente sociologia e lá frequentou os seminários de Alfred Weber. Em 1930, acompanhou Karl Mannheim, que havia conseguido um posto na Universidade de Frankfurt, e tornou-se seu assistente. Com relação aos clássicos da sociologia, Elias se posicionou de uma maneira crítica. No que se refere às pesquisas na área das idéias, comentou: "A maneira como Mannheim, assim como Marx, abordam este problema é precária porque ambos formulam a questão sem considerar o fato de que a consciência e o pensamento são, eles próprios, elementos constitutivos da sociedade humana. Todo o funcionamento da vida social humana é influenciado pela natureza da visão consciente que têm dela, pelo que pensam e pela maneira como pensam. A tese dualista do ser estrangeiro à consciência e da consciência estrangeira ao ser é uma ficção."³¹ Apesar de reconhecer o aporte da teoria marxista da sociedade, Elias não aceitava a instituição de uma relação causal entre ser e consciência, o ser sendo a causa e a consciência o efeito.

De maneira geral, as críticas de Elias à sociologia clássica centraram-

se na questão da dicotomia indivíduo-sociedade. A tradição sociológica abordava a questão como se houvesse indivíduos de um lado e a sociedade de outro. Referindo-se a Max Weber, observou que o grande sociólogo nunca conseguiu resolver o problema da relação entre os dois objetos basicamente isolados e estáticos que os conceitos de indivíduo singular e de sociedade aparentemente indicavam. Segundo Elias, Weber acreditava no indivíduo absoluto como sendo a verdadeira realidade social. Essa crença teve repercussões em sua tipologia das relações de dominação. "Max Weber freqüentemente deu provas de uma lucidez implacável no que se refere aos problemas do poder em seus trabalhos empíricos, particularmente na sua obra de juventude dedicada aos trabalhadores das regiões ao leste do Elba... Mas no seu grande projeto teórico, ele procurou, tanto quanto possível, excluir o problema das relações de poder da sua tipologia das relações de dominação... Na teoria da dominação desenvolvida por Weber, que se refere também, sem nenhuma dúvida, à dominação no âmbito do Estado, o problema do poder desempenha um papel marginal... O que, em Weber, como em outros, desempenha um papel fatal na elaboração de uma teoria sociológica é sua opção fundamentalmente liberal que o obrigava a encarar a sociedade a partir do indivíduo."³²

Elias avançou muito a reflexão sobre o poder. Afirmava que o poder não se encontra unicamente na grande arena das relações entre estados, onde atrai grande atenção. O poder, segundo Elias, constitui um elemento básico de todas as relações humanas. "Nas relações entre pais e filhos e entre senhor e escravo, as oportunidades de poder são distribuídas muito desigualmente. Porém, sejam grandes ou pequenas as diferenças de poder, o equilíbrio de poder está sempre presente onde quer que haja uma interdependência funcional entre pessoas. Sob este ponto de vista, o termo poder pode induzir a erro. Dizemos que uma pessoa detém grande poder, como se o poder fosse uma coisa que ela metesse na algibeira. Esta utilização da palavra é uma relíquia de idéias mágico-míticas. O poder não é um amuleto que um indivíduo possua e outro não; é uma característica estrutural das relações humanas - de *todas* as relações humanas."³³ Segundo Elias, era necessário partir da diversidade dos homens e considerar as coerções sociais, por exemplo, como coerções de muitos homens, que, devido

às suas dependências recíprocas, exercem uns sobre os outros.

Elias concluiu que “muitas vezes, é como se as psicologias do indivíduo e da sociedade parecessem duas disciplinas completamente distintas. E as questões levantadas por cada uma delas costumam ser formuladas de maneira a deixar implícito, logo de saída, que existe um abismo intransponível entre o indivíduo e a sociedade.”³⁴

O sociólogo não poupou a sociologia mais recente, criticando-a por ter perdido a dimensão histórica dos fenômenos sociais. Pesquisas voltadas para o presente abandonavam a noção de processo histórico. Elias referia-se especialmente à sociologia norte-americana dos anos 1950, tanto a de natureza teórica quanto empírica. Considerava as categoria básicas selecionadas pelo sociólogo norte-americano Talcott Parsons, por exemplo, arbitrarias, porque subjacente a elas “está a noção tácita, não comprovada e supostamente axiomática, de que o objetivo de toda teoria científica é o de reduzir tudo aquilo que é variável a algo invariável, e simplificar todos os fenômenos complexos dissecando-os em seus componentes individuais.”³⁵

Elias considerou essa tendência a reduzir processos a estados muito comum na sociologia contemporânea, mesmo quando os sociólogos se preocupavam com o fenômeno da mudança social. “Parte-se, em geral, do pressuposto de que todas as sociedades existem normalmente em um estado de equilíbrio imutável, que é homeostaticamente preservado. Elas mudam quando esse estado normal de equilíbrio é perturbado por algum outro fenômeno, mas imediatamente se esforçam para retornar ao estado de repouso... O conceito de mudança social refere-se a um estado transitório entre dois estados normais de imutabilidade, provocado por uma disfunção.”³⁶ Elias sustentou sempre, ao contrário, que o estado de mudança e de tensão é uma característica normal das sociedades, o que ele provou com uma farta documentação histórica.

A reflexão de Elias sobre as tradições filosófica, psicológica e sociológica possui um eixo comum que é a crítica ao que ele denominou ‘maneira tradicional de pensar’, que percebe o homem como *homo clausus*. A crítica ao *homo clausus*, não inserido em uma rede de interdependências, atingiu também a abordagem histórica tradicional.

NORBERT ELIAS E OS HISTORIADORES
A CRÍTICA AOS HISTORIADORES

A crítica a uma determinada maneira de se fazer história está presente em quase todas as obras de Elias, mas é especialmente no prefácio de *A Sociedade de corte* que ele explicitou sua posição em relação aos historiadores.

Em síntese, Elias criticou a abordagem histórica por três motivos: ela atribui um caráter único aos acontecimentos que estuda; ela acredita na liberdade do indivíduo como fundadora de toda a decisão e ação; e, finalmente, acredita nas intenções e atos voluntários dos personagens historicamente poderosos como causas de mudanças significativas.

O fato de a pesquisa histórica se situar no nível do único acaba por transformá-la, segundo Elias, em um acúmulo de atos isolados de personagens isolados, simplesmente sem nenhuma relação uns com os outros. “O estabelecimento de uma relação entre os diferentes fenômenos acaba, em grande medida, nas mãos da interpretação arbitrária e, freqüentemente, em especulação intelectual. É a razão pela qual não há verdadeira continuidade na pesquisa histórica tal como é praticada hoje. No que diz respeito às correlações entre eventos, as idéias vão e vêm. Mas, à distância, todas elas parecem ao mesmo tempo justas e inverificáveis.”³⁷ Elias concluiu que há uma enorme defasagem entre o alto nível da documentação e do estudo histórico dos detalhes, de um lado, e o nível relativamente bem inferior da interpretação científica das relações entre esses detalhes, de outro.

Elias chamou a atenção também para uma certa confusão conceitual existente na disciplina histórica. “Emprega-se sempre o termo história tanto para designar o objeto da escrita quanto a própria escrita. A confusão é grande. À primeira vista, o conceito de história pode parecer claro e preciso. Um exame mais atento, entretanto, revela que esse termo aparentemente simples encobre inúmeros problemas. Aquilo sobre o que se escreve, objeto da pesquisa, não é nem verdadeiro nem falso; é apenas o que se escreve a seu respeito, o resultado da pesquisa, que, eventualmente, pode ser falso ou verdadeiro... É quando se sublinha a importância do estudo escrupuloso dos documentos enquanto fundamento da pesquisa histórica

que se coloca verdadeiramente a questão da função e do objeto dessa pesquisa. Os documentos, as fontes originais de informação, constituiriam a substância da história? Eles são, parece, os únicos elementos seguros. Aliás, o historiador só tem a oferecer interpretações. Estas diferem consideravelmente, com frequência, a cada geração. Dependem da orientação cambiante dos centros de interesse do momento assim como da distribuição de louvores e de censuras por parte do historiador.”³⁸ Elias lembrou que a própria escolha do tema sociedade de corte como objeto de pesquisa, na época em que foi feita, não estava de acordo com os valores que dominavam no meio dos historiadores. Observou também que, no domínio histórico, era ainda praticamente a regra que os esforços do pesquisador que trabalhou há três ou quatro gerações fossem reduzidos a forma de livros empoeirados nas estantes das bibliotecas.

Segundo Elias, a idéia de que o caráter único e excepcional dos acontecimentos históricos seria um traço distintivo da história humana e do objeto da pesquisa histórica acompanha uma outra, a de que esta unicidade estaria fundamentada na natureza do objeto, na coisa em si, independentemente de todos os julgamentos de valor daquele que pesquisa. Elias propôs uma abordagem menos rígida, que permitisse a apreensão da realidade em diferentes níveis. “Há diferentes graus de unicidade e de singularidade e aquilo que em um certo nível é único e excepcional poderá aparecer, se visto a partir de outro nível, como o eterno retorno e a repetição do mesmo.”³⁹ Cada indivíduo que compõe uma formação social é, segundo Elias, sem dúvida único e excepcional. Mas a formação em si pode se manter com um ritmo de evolução relativamente lento ao longo de muitas gerações, ou seja, as formações humanas podem ter um ritmo mais lento que o dos indivíduos tomados isoladamente. Elias utiliza como exemplo sua pesquisa sobre a sociedade de corte: “A corte de Luis XIV era um fenômeno único. O próprio Luis XIV era um personagem único e excepcional. Mas a posição social que ele ocupava, a posição de rei, não era única, pois outros a ocuparam sucessivamente. Houve reis antes e depois de Luis XIV. Eram todos reis, mas eram pessoas diferentes... Considerado enquanto pessoa, Luis XIV era único e excepcional. Mas a pessoa pura, o indivíduo em si, é um produto da invenção filosófica, da mesma maneira

que a coisa em si”⁴⁰.

Norbert Elias criticou também a crença, nem sempre claramente expressa, dos historiadores na independência e na liberdade últimas do indivíduo, uma vez que ela é companheira da idéia filosófica do *homo clausus*. E novamente Elias usou a sociedade de corte como exemplo: “Um estudo sistemático da formação social permite, por exemplo, mostrar que um homem que ocupasse a posição de rei, mesmo no tempo de Luis XIV, não exercia, em hipótese alguma, um poder ‘absoluto’, se se entende por isso que sua ação e seu poder não conheciam nenhum limite.”⁴¹ Em *A sociedade de corte*, examinou justamente os limites que a rede de interdependências impunha ao monarca. Mas o sociólogo não aceitava um raciocínio baseado na dicotomia liberdade/determinismo. Com relação a essa dicotomia, afirmou: “Na realidade, enquanto se vir as coisas dessa maneira, os problemas permanecem insolúveis. As coisas são decididas antes mesmo do início da pesquisa. Se se quer realmente, em vez de se fundamentar em julgamentos dogmáticos preconcebidos, procurar se aproximar de uma solução pelo estudo que associa o nível teórico e o nível empírico, sempre em contato um com o outro, a questão que se coloca empregando termos como liberdade e determinismo, se formula de uma outra maneira... Quando se coloca o problema dos laços de interdependência entre os homens na forma tradicional da oposição entre determinismo absoluto ou liberdade absoluta, no fundo, o debate ainda se situa em um nível onde se opõem um modo de pensamento que se aplica à observação de fenômenos físicos simples e um modo de pensamento metafísico isomorfo.”⁴²

Elias também fez severas restrições à história das idéias, tal como praticada em geral pelos historiadores. De um lado, criticou o tratamento das idéias como algo completamente independente: “Há uma inclinação para tratar o saber como um problema puramente intelectual. O sujeito que conhece aparece como ‘razão pura’ ou talvez como *res cogitans*. Discutem-se problemas do saber como se esse existisse em um vazio humano, isto é, sem referência aos homens, às suas condições de vida e à sua personalidade.”⁴³ Ou ainda: “Uma longa tradição, poderosa e respeitável, fazia aparecer as idéias dos indivíduos como produções perfeitamente au-

tônomas, como produções que flutuam livremente. Noções correntes como 'espírito', 'idéias', 'pensamentos' alimentavam essa concepção, e vastos domínios científicos, como por exemplo as ciências humanas e a história das idéias, só serviam manifestamente para o estudo de tais produções conceituais flutuantes."⁴⁴ Neste aspecto a dívida para com Manheim é evidente.

De outro lado, criticou a história das idéias por se limitar a considerar as idéias conscientes dos homens. "Pensamentos e idéias aparecem como se fossem o aspecto mais importante e poderoso da maneira como os homens dirigem sua vida. Os impulsos inconscientes, todo o campo das pulsões e estruturas dos sentimentos, permanecem mais ou menos na escuridão. Ora, todas as investigações que consideram apenas a consciência do homem, sua 'razão' ou 'idéias', e ignoram ao mesmo tempo a estrutura das pulsões, a direção e a forma de emoções e impulsos humanos, só podem ter, por princípio, um valor bastante limitado. Uma parte enorme do que é indispensável para compreender o homem escapa a esse enfoque. A racionalização da atividade intelectual, bem como de todas as mudanças estruturais nas funções do ego e do superego, de todos esses níveis interdependentes da personalidade humana, serão muito pouco acessíveis ao pensamento, enquanto as indagações se limitarem a mudanças nos aspectos intelectuais, a mudanças de idéias, e pouca atenção se der ao equilíbrio e padrão mutáveis das relações entre pulsões e sentimentos, por um lado, e o controle dos mesmos, por outro. Uma real compreensão, mesmo de mudanças e formas de cognição, só será possível se levarmos em conta, também, as mudanças da interdependência humana em conjunto com a estrutura da conduta e, na verdade, todo o tecido da personalidade do homem em um dado estágio do desenvolvimento social."⁴⁵

A RECEPÇÃO DA OBRA DE NORBERT ELIAS PELOS HISTORIADORES

Apesar de não ser muito conhecido na França⁴⁶, foi aí que Elias despertou especial interesse entre os historiadores. A tradução francesa do primeiro volume de *O processo civilizador*⁴⁷ revelou-se um sucesso de livrarias, chegando a fazer parte da lista de *best sellers*. Aproveitando

tal acolhida, *A sociedade de corte* foi traduzida em seguida.⁴⁸ Um *compte rendu* de François Furet no *Nouvel Observateur* e outro de Emmanuel Ladorie no *Le Monde*⁴⁹ muito contribuíram para o sucesso dos livros. O entusiasmo com a obra de Elias na França coincidiu com um refluxo da história quantitativa e com uma certa insatisfação com o estruturalismo. É especialmente entre os historiadores da cultura que Elias passou a ser citado na década de 1970, sobretudo Roger Chartier e Jacques Revel. Esse entusiasmo coincidiu também com o prestígio crescente da história na França e com o interesse pela história das mentalidades. De certa forma, a apropriação francesa de Elias tornou-o um defensor da *nouvelle histoire*. Muitos *comptes rendus* evocaram explicitamente a psicologia histórica de Elias, vendo aí uma reedição do programa dos *Annales*, formulado no período entre guerras. Os primeiros livros de Elias não se restringiram, entretanto, a um sucesso de livraria. O primeiro volume de *O processo civilizador* foi adotado no programa de história moderna no concurso para habilitação de professor em história nos anos 1974 e 1975.⁵⁰ É interessante observar que os livros que causaram tanto sucesso foram aqueles de caráter histórico, enquanto que suas obras teóricas ou sociológicas não foram traduzidas naquele momento. A tradução do segundo volume de *O processo civilizador*, em 1975, obteve um eco mais discreto. Com relação a esse volume, a reação de entusiasmo combinou-se com um certo incômodo. Na verdade, o primeiro volume, mais histórico, agradava pelo material que apresentava, mas incomodava, no segundo, um pensamento sistêmico justamente em um momento em que a disciplina histórica rejeitava as grandes interpretações, aproximava-se da antropologia e suas pesquisas adquiriam um caráter fragmentário. Incomodava também, e sobretudo, o termo evolução, tão empregado por Elias, e rejeitado pela *nouvelle histoire*, uma vez que habitualmente era associado à continuidade, linearidade e progresso.

Entusiasmo e incômodo foi o que Elias provocou entre os historiadores. O incômodo é visível em uma mesa redonda realizada em 1995, da qual participaram, entre outros, os historiadores Roger Chartier, Arlette Farge e André Burguière.⁵¹ A tensão foi resolvida dividindo-se a obra de Elias em partes aceitáveis e não aceitáveis. O resgate do detalhe na análise dos gestos e dos comportamentos na época moderna foi aceito pelos historiado-

res da cultura; sua teoria do processo civilizador, seu 'evolucionismo' foi rejeitado como fazendo parte de "um pensamento de uma outra época, da sociologia da época de Weimar."⁵²

Segundo os sociólogos A. Garrigou e B. Lacroix, "a apropriação histórica do autor, ou, se se prefere, a tentativa, próxima de bem sucedida, de transformar um francófilo esclarecido em defensor da história *à la française*, não aconteceu sem conseqüências ou mesmo sem perigos para a imagem pública do solitário de Amsterdam... Ao atribuir a supremacia da história, contribui simultaneamente para relegar a investigação sociológica à insignificância. Pode-se lastimar que a compreensão inaugural de Elias na França tenha dado excepcional importância às contribuições empíricas, à análise da evolução dos costumes, em detrimento de sua teoria das configurações sociais, do equilíbrio das tensões ou da monopolização da violência física."⁵³

Disputas entre sociólogos e historiadores franceses à parte, o que se desprende da obra de Elias é que ela não permite uma divisão rígida entre partes empíricas e teóricas. Ambas constituem, em conjunto, sua proposta de abordagem dos fenômenos humanos. Da mesma maneira, sua obra forma um conjunto onde todos os seus conceitos estão intimamente relacionados. Daí ser difícil separá-la em partes aceitáveis e inaceitáveis, como se fosse possível atribuir algum valor à sua obra 'apesar' da sua idéia de evolução, ou 'apesar' da sua teoria dos processos civilizadores. Por outro lado, não é o caso de uniformizar a obra de Elias, tornando-a aceitável para os parâmetros acadêmicos atuais. Os aspectos parciais de seu pensamento devem ser compreendidos dentro do contexto mais amplo de sua obra, onde se articulam e criam sentidos, revelando a originalidade das suas idéias. As possíveis tensões e até mesmo as contradições aparecem como parte inerente do seu processo criativo.

Na edição de bolso francesa de *A sociedade de corte*, que inclui o texto *Sociologia e história*, Roger Chartier enfrentou as críticas de Elias à abordagem histórica alegando que os aspectos apontados pelo sociólogo não seriam válidos para a historiografia atual. "Certamente, os traços que Norbert Elias atribui à história, considerada como uma abordagem única, sempre idêntica a ela mesma, não são aqueles que os historiadores dos

últimos vinte ou trinta anos gostariam de ver como caracterizando sua prática. Com os *Annales*, mas não só com eles, a história se afastou muito dos credos clássicos, lembrados e criticados por Elias.⁵⁴ Apesar de reconhecer um lado inovador na obra do sociólogo, considera: “Pela sua redação, pelas suas referências, pela sua informação, *A sociedade de corte* é um livro antigo, cuja forma quase acabada se definiu desde 1933. Isto é importante para compreender em que universo intelectual ele foi concebido, o de uma sociologia dominada pela figura de Weber e de uma história que é ainda a do século XIX.”⁵⁵

Na realidade, caracterizar o texto de Elias como uma obra da década de 1930, e afirmar simplesmente que suas críticas à abordagem histórica não têm validade nos dias atuais significa passar ao largo e assumir uma posição defensiva. Mesmo atualizada com novos dados advindos de pesquisas mais recentes sobre o período, a interpretação que Elias oferece da sociedade de corte francesa conserva sua originalidade. O raciocínio poderia ir, portanto, em direção contrária: apoiando-se basicamente em uma historiografia do século XIX, Elias conseguiu abrir novas perspectivas para a sociologia e para a história.

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CONCEITOS DE EVOLUÇÃO E DISTANCIAMENTO NA OBRA DE ELIAS

Considerando a impossibilidade de abordar todos os aspectos da obra de Elias, e, ao mesmo tempo, a dificuldade de separar em partes o seu pensamento, foram selecionados dois conceitos que estão presentes ao longo da sua obra desde seu primeiro texto até a introdução inacabada à *Teoria do símbolo*, de 1991: distanciamento e evolução. As idéias de evolução e distanciamento podem parecer, à primeira vista, hoje superadas, na medida em que distanciamento traz associadas outras noções como objetividade, neutralidade, etc. e evolução, por sua vez, tem sido relacionada com continuidade, linearidade e progresso. Não é por acaso que essas foram as idéias mais criticadas na obra de Elias tanto por sociólogos quanto por historiadores.

Elias se referiu sempre, ao longo da sua obra, à necessidade de uma

vigilância com relação a todos os saberes ligados à preservação de crenças sociais e fez do distanciamento uma condição para o conhecimento científico, chegando a afirmar que o auto-distanciamento era imprescindível para esse tipo de conhecimento. É nesse sentido que inicia *Introdução à sociologia* com a seguinte afirmação: “Para compreendermos do que trata a sociologia, temos de nos distanciar de nós mesmos, temos de nos considerar seres humanos entre os outros... No entanto, é difícil fugir ao sentimento de encarar os seres humanos como se fossem meros objetos, separados de nós por um fosso intransponível... Os instrumentos convencionais com que pensamos e falamos são geralmente construídos como se tudo aquilo que experienciássemos como externo ao indivíduo fosse uma coisa, um ‘objeto’ e, pior ainda, um objeto estático.”⁵⁶ Esse distanciamento a que Elias se refere diz respeito a um desapego de uma determinada situação, à possibilidade de olhá-la ‘de fora’, o que implica também um trabalho de auto-distanciamento. Está implícita, nessa constatação de Elias, a necessidade de desaprender antigas categorias e permitir-se distanciar também de antigas maneiras de pensar. Tal atitude não advém, entretanto, de uma decisão racional, pois inevitavelmente implica em mudanças na auto-imagem das pessoas, o que desencadeia uma série de obstáculos de caráter emocional. Na realidade, Elias faz severas exigências ao leitor, pois dele exige um trabalho de conscientização das possíveis projeções que podem interferir em seu trabalho. Elias se expressa como alguém que se trabalhou psicologicamente muitos anos e espera que todos tenham tido essa experiência ou possam vir a tê-la. “Se não se é capaz de exercer sobre si mesmo esse auto distanciamento, minha explicação cai nos ouvidos de um surdo.”⁵⁷

O termo distanciamento aparece também associado à palavra realismo, em um sentido que indica uma progressiva eliminação da fantasia na esfera do conhecimento. Mais de uma vez Elias referiu-se à figura do sociólogo como um destruidor de mitos. “O que eu queria verdadeiramente era retirar o véu das mitologias que oculta nossa visão da sociedade, a fim de que as pessoas possam agir melhor e de maneira mais razoável; eu tinha a convicção de que essa visão partidária deforma o olhar que se lança sobre as coisas.”⁵⁸ Há, evidentemente, uma crença na possibilidade de um co-

nhecimento realista da sociedade, na possibilidade de desembaraçar as teorias sociológicas das ideologias. À primeira vista, essas considerações parecem ter alguma afinidade com a concepção positivista de ciência e seus princípios de neutralidade e objetividade. Entretanto, o próprio Elias criticou sua aplicação nas ciências humanas.

Se acompanharmos o raciocínio de Elias, sobretudo no seu livro *Engajamento e distanciamento*, fica mais claro como ele trabalhou com os conceitos de distanciamento e realismo. Sem dúvida, defendeu a possibilidade de um saber não fantasioso da realidade social. Apontou os cuidados que o cientista social deve ter: “os sociólogos deviam se libertar da noção de que há ou haverá qualquer correspondência necessária entre a sociedade que estudam e suas próprias crenças sociais, os seus desejos e esperanças, as suas predileções morais e as concepções daquilo que é justo e humano.”⁵⁹ Criticou sociólogos e historiadores que acabam usando sua imaginação para preencher as lacunas fatuais, o que pode parecer estranho, até *demodé*, atualmente, quando a própria imaginação do historiador vem sendo valorizada.⁶⁰ Princípios iluministas normalmente aceitos também foram questionados: “A idéia tradicional de uma ‘razão’ ou ‘racionalidade’ que todas as pessoas são dotadas por natureza como uma peculiaridade inata da espécie humana e que ilumina todo o ambiente como um farol (a menos que haja uma disfunção) conforma-se muito pouco aos fatos observáveis. Por mais corriqueira que seja hoje em dia, essa idéia faz parte de uma imagem do homem em que as observações passíveis de comprovação misturam-se intensamente a fantasias oriundas de desejos e temores. A suposição de que o pensamento humano funciona automaticamente, de acordo com leis eternas, em todas as ocasiões e em todas as situações sociais, desde que esteja livre de distúrbios, é um amálgama de conhecimentos fatuais e de um ideal desejante. Nela está contida uma exigência moral (com a qual não se tem necessidade de discutir), mascarada sob a forma de uma realidade.”⁶¹

Em que, então, Elias se afastaria de um cientificismo? Quando menciona a necessidade de distanciamento, ele não se refere a uma neutralidade ou objetividade no mesmo sentido que os positivistas, como se fosse algo simples, uma decisão racional do pesquisador ser objetivo. Sua expe-

riência com a psicanálise lhe mostrou que isso não é nada simples. Por isso, usa a expressão auto-distanciamento.

Na realidade, a preocupação com uma sociologia e uma história realistas estão relacionadas com sua inquietação com o mundo moderno. "...é possível que tenhamos tão pouca capacidade de suportar as catástrofes da história que aniquilaram a vida e o sentido, e de diminuir o sofrimento que os seres humanos causam uns aos outros, justamente por não nos dispormos a abrir mão das fantasias com que tradicionalmente enfeitamos nossa existência... Será que esse velamento da realidade por um tecido de pensamento em que os resultados da observação fatural ainda são perpassados por um material ilusório não contribui para nossa incapacidade de dominar a infundável destruição de grupos de seres humanos por outros?"⁶²

Dentre os conceitos eliasianos, o de evolução foi o que recebeu mais críticas. Elias foi rotulado de 'evolucionista' por muitos historiadores, que viam sua teoria do processo civilizador como um exemplo de uma teoria evolucionista da história. Em um encontro de historiadores e sociólogos franceses, foi possível observar essa visão da obra de Elias.⁶³ Michel Wieviorka considera a abordagem eliasiana "relativamente evolucionista; ela nos propõe uma via, um processo de evolução, quando há muito tempo nós aprendemos a recusar a idéia de que existe apenas um único modelo de desenvolvimento". Arlette Farge tem a mesma opinião.

Essas interpretações do conceito de evolução de Elias, em um sentido de evolução linear, revelam um relativo desconhecimento das suas obras de caráter mais teórico ou sociológico, pois ele necessita ser compreendido em articulação com toda sua reflexão teórica. Mas mesmo em suas obras históricas, a idéia de uma evolução não linear está presente. Na introdução à edição alemã de 1968 de *O processo civilizador*, em resposta às críticas, Elias observou: "...ao adotar uma metodologia voltada para ligações fatuais e suas explicações (isto é, um enfoque empírico e teórico preocupado com mudanças estruturais de longo prazo de um tipo específico, ou 'desenvolvimento') abandonamos as idéias metafísicas que vinculam o conceito de desenvolvimento à noção ou de uma necessidade mecânica ou de uma finalidade teleológica... Quando trabalhava neste livro, pareceu-me muito claro que estava lançando os alicerces de uma teoria sociológica não-

dogmática, empiricamente fundamentada, de processos sociais em geral e de desenvolvimento social em particular. Acreditava que era óbvio que a investigação e o modelo final do processo de formação do Estado a longo prazo, a ser encontrado no segundo volume, podiam servir igualmente bem como modelos da dinâmica de longo prazo das sociedades em uma dada direção, à qual se refere o conceito de desenvolvimento social. Não acreditava, na ocasião, que fosse necessário explicitar que este estudo não dizia respeito a uma 'evolução', no sentido do século XIX, de um progresso automático, nem de uma 'mudança social' inespecífica no sentido do século XX. Naquele tempo isto me pareceu tão óbvio não mencionei essas implicações teóricas. A introdução à segunda edição me dá a oportunidade de corrigir essa omissão."⁶⁴ A questão é que Elias foi interpretado a partir de uma série de significações que impregnam a palavra evolução. Ele, entretanto, insistiu várias vezes que a transformação social não é linear e que deve-se examinar cada época histórica como uma configuração entre outras e não como etapa de uma evolução homogênea que obedece leis gerais. Elias chamou a atenção para a sensação de conforto que oferece a idéia de a história ter um sentido: "É muito mais reconfortante acreditarmos que a história – que é sempre a história de sociedades humanas particulares – tem um significado, um destino, talvez mesmo uma finalidade. E, na verdade, há sempre um certo número de pessoas que nos quer dizer qual é esse significado. É certo que a curto prazo o resultado imediato de uma descrição feita nesses termos – em que se consideram as interconexões sociais como relativamente autônomas e até certo ponto como relações funcionais auto-reguláveis, não guiadas por objetivos ou intenções e não se esforçando por alcançar metas fixadas pelos valores correntes – tem como consequência um sentimento de ausência de significado."⁶⁵

Sua análise das diferentes concepções sobre o tempo lhe permitiu fazer considerações sobre o conceito de desenvolvimento social: "As antigas noções relativas ao desenvolvimento social apresentavam freqüentemente um caráter teleológico. A direção observável de todo o desenvolvimento era interpretada como orientação em direção a um objetivo, e este objetivo era freqüentemente considerado como o aspecto mais importante do desen-

volvimento social. Nesta primeira fase da sua história, o conceito de desenvolvimento social possuía uma ressonância mágica. Era o veículo de uma profecia e continha a promessa de sua necessária realização. O objetivo do desenvolvimento social era uma projeção dos desejos humanos de progresso constante e, no fim, a obtenção de uma sociedade ideal. Estudar o desenvolvimento da medida e da experiência do tempo pode ajudar a desvencilhar o conceito de desenvolvimento social da carga metafísica que herdou do seu passado. Pode-se afirmar clara e distintamente que existe um desenvolvimento que passa de uma forma descontínua da determinação do tempo para uma forma onde a continuidade, por assim dizer, faz uma volta de relógio, mas eu não afirmo que a experiência do tempo própria às sociedades mais recentes é preferível. Eu simplesmente o ignoro.”⁶⁶

PORQUE LEMBRAR NORBERT ELIAS

Elias tinha plena consciência do caráter inovador da sua abordagem dos fenômenos humanos. É curioso, portanto, que tenha sido considerado por alguns dos comentadores da sua obra, como um pensador antigo. Alvo de olhares especializados de sociólogos, historiadores, psicólogos e filósofos, que se detiveram, em geral, em aspectos da obra mais a fim com suas respectivas especialidades, Elias foi lido aos ‘pedaços’. Olhares extremamente treinados mas que não foram, em geral, capazes de apreender o conjunto do seu pensamento. Elias acabou sendo vítima daquilo que sempre criticou: a excessiva especialização nas ciências humanas.

Na realidade, a obra de Elias exige olhares mais abertos, mais distanciados dos paradigmas da “ciência normal”, para usar a expressão de Thomas Khun.⁶⁷ Olhares que possam perceber o alcance do seu pensamento e os desafios que coloca ao que ele denominou “maneira tradicional de pensar”. Por isso, principalmente, é que Elias deve ser lembrado.

Trazer as indagações de Elias para o nosso próprio tempo pode ser extremamente rico e desafiador. Conscientizar-se do quanto nossa incapacidade de distanciamento colabora para mantermos ilusões sobre a sociedade e a história abala, sem dúvida, as crenças que temos sobre nós mesmos. O chamado de Elias para uma reflexão sobre essa questão é,

sem dúvida, um desafio para qualquer pesquisador.

A inquietação intelectual de Elias, a consciência que tinha da dificuldade de comunicar seu pensamento devido à utilização de um referencial teórico e metodológico não habitual e das limitações da linguagem para expressar idéias novas, tudo isso faz lembrar os físicos contemporâneos e suas dificuldades de expressar suas descobertas. Como eles,⁶⁸ Elias reclamava uma nova maneira de olhar a realidade e de pensar sobre ela. Como eles, ficou muito tempo à margem do reconhecimento científico. Como eles, via a realidade como algo extremamente dinâmico e percebia nela a inter-relação e a interdependência fundamentais entre todos os fenômenos. Olhava a sociedade de uma maneira próxima àquela que a física quântica vinha fazendo no que se refere os fenômenos físicos: uma sociedade em movimento permanente, sem regras e leis universais; composta de indivíduos não necessariamente racionais porém interdependentes, que, sem planejarem, conduzem seus destinos em uma determinada direção.

NOTAS

¹ Norbert Elias nasceu em 1897 na cidade de Breslau, que na época fazia parte da Alemanha e atualmente pertence à Polónia.

² A *sociedade de corte*, tese de habilitação em sociologia apresentada na Universidade de Frankfurt, escrita em 1933, foi publicada pela primeira vez na Alemanha em 1969 e traduzida para o francês e para o inglês em 1974 e 1983, respectivamente. *O processo civilizador*, concluído na Inglaterra em 1939 é considerada a sua obra mais importante, foi publicada por Elias em 1939 na Suíça e na Alemanha em 1969; foi traduzido em dois volumes para o francês em 1973 e 1975; para o inglês em 1978 e 1982 e para o português em 1990 e 1993. No Brasil ainda é escassa a literatura sobre Elias. Ressaltam-se os prefácios de Renato Janine Ribeiro aos dois volumes da tradução portuguesa de *O processo civilizador*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990 e 1993 e o artigo de J. Malherba, "Sobre Norbert Elias" em *A velha história. Teoria, Método e historiografia*, São Paulo, Papirus, 1996.

³ *Norbert Elias par lui même*, entrevista biográfica por A.J. Heerma van Voss e A. van

Stolk, tradução de Jean Claude Capèle, Paris: Fayard, 1991, p. 86.

⁴ Idem, p. 85

⁵ Idem, p. 85

⁶ Idem, p. 96

⁷ Roger Chartier, prefácio a *La société de cour*, tradução de P. Kamnitzer e J. Etoré, Paris: Flammarion, 1985, p. VI. Esse texto também foi publicado em *Histoire culturelle*, Paris: Garnier-Flammarion, 1987, cap. 3.

⁸ *Elias par lui même*, op.cit., p.82

⁹ Idem, p. 87

¹⁰ A Garrigou e B. Lacroix, *Norbert Elias. La politique et l'histoire*, Paris: La Découverte, 1997, p. 9

¹¹ *Elias par lui même*, op. cit., p. 89.

¹² Norbert Elias, *Os alemães*, tradução de Alvaro Cabral, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

¹³ Essa questão é tratada em três artigos escritos entre 1939 e 1987 e publicados em *A sociedade dos indivíduos*, tradução de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

¹⁴ *Norbert Elias par lui même*, op. cit., p. 81

¹⁵ Norbert Elias, *Introdução à sociologia*, tradução de M.L. Ribeiro Ferreira, Lisboa: Edições 70, s/d.

¹⁶ Norbert Elias, *O processo civilizador*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, vol. 2.

¹⁷ *Norbert Elias par lui même*, op.cit., p. 125.

¹⁸ Idem, p. 98

¹⁹ R. Kilminster, Introdução a Norbert Elias, *The Symbol Theory*, 2^a ed., Londres: Sage Publications, 1992.

²⁰ Norbert Elias, *Introdução à sociologia*, op.cit., p. 15

²¹ *Norbert Elias par lui même*, op.cit., p. 93.

²² Idem, p. 95

²³ Idem, p. 97.

²⁴ Norbert Elias, *A sociedade dos indivíduos*, op.cit., p. 31.

- ²⁵ Norbert Elias *par lui même*, op.cit., p. 126.
- ²⁶ Idem, p. 126.
- ²⁷ Idem, p. 71.
- ²⁸ Norbert Elias, *O processo civilizador*, op. cit., p. 238.
- ²⁹ Idem, p. 198.
- ³⁰ Norbert Elias, *A sociedade dos indivíduos*, op.cit., p. 32.
- ³¹ *Norbert Elias par lui même*, op.cit., p. 133.
- ³² Idem, p. 173.
- ³³ Norbert Elias, *Introdução à sociologia*, op.cit., p. 80.
- ³⁴ Norbert Elias, *A sociedade dos indivíduos*, op.cit., p. 15
- ³⁵ Norbert Elias, *O processo civilizador*, vol.1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, p. 220.
- ³⁶ Norbert Elias, *O processo civilizador*, op.cit., vol.1, p. 222.
- ³⁷ Norbert Elias, *La société de cour*, op.cit., prefácio, p. XXXIII.
- ³⁸ Idem, p. XXXVI.
- ³⁹ Idem, p. XXII.
- ⁴⁰ Idem, p. XXXII.
- ⁴¹ Idem, p. XXXII.
- ⁴² Idem, p. XXXI.
- ⁴³ Norbert Elias, *Engagement et distanciation*, tradução de Michèle Hulin, Paris: Fayard, 1993, p. 105.
- ⁴⁴ *Norbert Elias par lui même*, op.cit., p. 134.
- ⁴⁵ Norbert Elias, *O processo civilizador*, op.cit., p. 236.
- ⁴⁶ A referência a Elias na França resumia-se a um *compte rendu* de Raymond Aron sobre o primeiro volume de *O processo civilizador*, publicado na *Année Sociologique* de 1941. Aron, considerado um intérprete autorizado da sociologia alemã, fez uma crítica favorável ao livro.
- ⁴⁷ Norbert Elias, *La civilization des moeurs*, Paris: Calman-Levy, 1973.
- ⁴⁸ Norbert Elias, *La société de cour*, Paris: Calman-Levy, 1974.

- ⁴⁹ *Le Nouvel Observateur*, 26 de novembro de 1973 e *Le Monde*, 27 de dezembro de 1973.
- ⁵⁰ A Garrigou e B. Lacroix, *Norbert Elias. La politique et l'histoire*, op.cit., p. 21.
- ⁵¹ *Norbert Elias: une lecture plurielle*, Cahiers Internationaux de Sociologie, vol. 99, 1995.
- ⁵² A Burguière em *Norbert Elias: une lecture plurielle*, op.cit., p. 21.
- ⁵³ A Garrigou e B. Lacroix, *Norbert Elias. La politique et l'histoire*, op.cit., p. 21.
- ⁵⁴ Roger Chartier, prefácio a *La société de cour*, op.cit., p. II.
- ⁵⁵ Idem, p. VII.
- ⁵⁶ Norbert Elias, *Introdução à sociologia*, op.cit., p. 13.
- ⁵⁷ Idem, p. 50.
- ⁵⁸ *Norbert Elias par lui même*, op.cit., p. 13.
- ⁵⁹ Norbert Elias, *Engagement et distanciation*, op.cit.
- ⁶⁰ Ver, por exemplo, George DUBY, "Um nominalismo bem temperado", em *Diálogos sobre a nova história*, Lisboa, Dom Quixote, 1989 e Hayden WHITE, *Trópicos do discurso*, São Paulo: EDUSP, 1994.
- ⁶¹ Norbert Elias, *A sociedade dos indivíduos*, op.cit., p. 71.
- ⁶² Idem, p. 69.
- ⁶³ *Norbert Elias: une lecture plurielle*, op.cit.
- ⁶⁴ Norbert Elias, *O processo civilizador*, vol. 1, op.cit., p. 216
- ⁶⁵ Norbert Elias, *Introdução à sociologia*, op.cit., p. 129.
- ⁶⁶ Norbert Elias, *Du temps*, tradução de Michèle Hulin, Paris: Fayard, 1996, p. 213.
- ⁶⁷ Thomas KHUN, *A estrutura das revoluções científicas*, São Paulo: Perspectiva, 1987.
- ⁶⁸ Lembro Werner Heisenberg, Erwin Schrödinger e Ilya Prigogine.

RESUMO

Este artigo foi escrito com a finalidade de comemorar o centenário do nascimento de Norbert Elias. Examina alguns aspectos da sua trajetória intelectual. Atenção especial é dedicada à originalidade do seu pensamento com relação às ciências sociais de sua época e à recepção da sua obra pelos historiadores franceses na década de 1970.

[PALAVRAS CHAVES: Norbert Elias, sociologia, história.]

ABSTRACT

This paper has been written to remember Norbert Elias on his one-hundredth birthday. It aims to examine some aspects of his intellectual trajectory and to discuss some of his concepts. Special attention is given to the historians' reaction to his work.

[KEYWORDS: Norbert Elias, sociology, history.]